

V Congreso Internacional de Investigación y Práctica Profesional en Psicología
XX Jornadas de Investigación Noveno Encuentro de Investigadores en
Psicología del MERCOSUR. Facultad de Psicología - Universidad de Buenos
Aires, Buenos Aires, 2013.

Linguagem e mediação implicações na formação do sujeito.

Azevedo, Cleomar.

Cita:

Azevedo, Cleomar (2013). *Linguagem e mediação implicações na formação do sujeito*. V Congreso Internacional de Investigación y Práctica Profesional en Psicología XX Jornadas de Investigación Noveno Encuentro de Investigadores en Psicología del MERCOSUR. Facultad de Psicología - Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires.

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-054/402>

ARK: <https://n2t.net/ark:/13683/edbf/QYN>

Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: <https://www.aacademica.org>.

LINGUAGEM E MEDIAÇÃO IMPLICAÇÕES NA FORMAÇÃO DO SUJEITO

Azevedo, Cleomar
Centro Universitário FIEO. Brasil

Resumen

En este artículo se ha centrado en una literatura Teoría autores Socio Histórico y tiene como objetivo identificar el papel de la voluntad y la libertad en la formación de la materia de la concepción del lenguaje y la mediación propuesta por los autores de esta teoría, especialmente el trabajo de Vygotsky y seguidores. Levanta el desarrollo de los procesos psicológicos superiores destacando la internalización, la mediación semiótica, la Zona de Desarrollo Próximo, conceptos cotidianos y conceptos científicos, que son instrumentalmente y crea la relación entre la cultura humana y la construcción y la formación del “yo” del sujeto. El análisis nos lleva a los conceptos de los procesos educativos y las implicaciones de su relación con el desarrollo de los procesos psicológicos. La partir de una síntesis del pensamiento de Vygotsky, y de los conceptos mencionados que trata de especificar las posibles contribuciones al proceso de enseñanza y aprendizaje, así como señalar las relaciones importantes en la autonomía, la libertad y la acción del sujeto en su propia formación.

Palabras clave

Psicología, Lenguaje y aprendizaje de la mediación

Abstract

LANGUAGE AND MEDIATION TRAINING IMPLICATIONS OF SUBJECT This article has focused on a literature Theory authors Partner Historic and aims to identify the role of the will and freedom in the formation of the subject from the concept of language and mediation proposed by the authors of this theory, especially the work of Vygotsky and seguidores. Up its development of higher psychological processes highlighting internalization, semiotic mediation, Zone of Proximal Development, everyday concepts and scientific concepts, which are instrumentally and make the relationship between human culture and the construction and training of the “I” of the subject. The analysis leads us to the concepts of educational processes and implications of its relationship to the development of psychological processes. From a synthesis of Vygotsky’s thought, and the concepts listed it seeks to specify possible contributions to the process of teaching and learning, as well as pointing out important relationships in autonomy, freedom and action of the subject in their own training

Key words

Psychology, Language and mediation learning

Introdução

O mundo da cultura construído pelo homem possui uma riqueza inconfundível quando nos deparamos com o nosso percurso histórico e verificamos sua evolução, uma evolução que cada vez mais apresenta mudanças e novos conhecimentos. No século XXI temos um avanço em vários segmentos que necessitam cada vez mais de uma formação competente para poder compreender e atuar neste novo universo.

A aprendizagem tem função primordial neste contexto, pois necessitamos compreender o que significa a cultura humana, para podermos a partir deste princípio elementar desenvolver e construir um conhecimento que seja significativo e nos leve a uma sociedade igualitária onde todos os sujeitos tenham acesso às oportunidades e ao seu próprio desenvolvimento.

Para que possamos desenvolver o potencial do ser humano a aprendizagem é fator fundamental e devemos investir todos os nossos esforços para que esta ocorra de uma maneira significativa, coerente e com qualidade, pois se assim não for estaremos privando os sujeitos dos bens acumulados pela humanidade, em especial da sua própria cultura e do seu desenvolvimento.

Nos estudos voltados à aprendizagem tenho particularmente interesse pelo processo de mediação e as relações entre pensamento e linguagem onde podemos levantar inúmeras contribuições neste processo de desenvolvimento e aprendizagem do sujeito.

A linha teórica que subsidiara esta reflexão acerca da mediação e a linguagem, é a Psicologia Sócio Histórica, tentando levantando algumas questões pertinentes a sua fundamentação e as relações possíveis neste processo de aprendizagem do sujeito.

A Teoria Sócio-Histórica e o pensamento de Vygotsky

Diferentes áreas do conhecimento estão repensando e revendo a obra de Vygotsky, e conseqüentemente construindo novas implicações e conhecimento o que leva a novas relações e conseqüências no processo e na busca de sistematizações de conceitos, a partir de seus princípios teóricos. Devido à riqueza, à complexidade do autor sua teoria nos possibilita apropriações e estudos que envolvem todo processo de aprendizagem. Com base nos conceitos expostos no quadro teórico de Vygotsky, refletir sobre a mediação e a linguagem nos leva também, como o autor que na construção de sua teoria, utilizou diferentes interlocutores, entre eles, Spinoza, Hegel, Engels e Marx.

A obra de Vygotsky é muito vasta e densa em si mesma, e de extrema fecundidade no sentido de permitir sua exploração e aprofundamento por inúmeros seguidores (Leontiev, Luria, Davidov e outros). Estudiosos como Ricardo Baquero (1996), Harry Daniels (2002, 2003), James V. Wertsch (1998), Wertsch & Tulviste (2002) e, entre os brasileiros, Oliveira (1995), Castorina (1995, 1998), Rego (1995), Góes (1991, 2001) Souza (1994), Freitas (1994), tornando-a atual e referência importante para reflexões e contribuições às práticas educativas, destacando a ênfase no desenvolvimento psicológico do sujeito. Destacar dessa obra alguns elementos podem nos ajudar a

refletir sobre a temática apontada.

É importante ressaltar que, para Vygotsky, só existe o reconhecimento do “eu” no reconhecimento do “outro”. O “outro” determina o “eu”, ambos mediados socialmente. Frente a essas considerações, é importante pensar em duas questões: a) qual o papel da vontade num “sistema” onde o autor concebe a subjetividade enquanto processo? b) que é à vontade e a liberdade, e quais são os seus papéis na “filosofia” de Vygotsky?

A própria teoria de Vygotsky é uma realização da vontade. Podemos dizer que qualquer realização do espírito - intelectual, filosófica, científica e moral - é fruto de um esforço ou uma função da vontade. Entretanto, este ponto de vista pode parecer banal, se nos depararmos com uma teoria, onde a realização do espírito não é fruto de “um” esforço. A teoria de Vygotsky ultrapassa esse ponto de vista. Para caracterizar a vontade, é necessário que tenhamos em mente as concepções que formam o “sistema do autor”, pois poderemos constatar que a vontade está em constante tensão. Nada é seguro, nada é firme no solo desta teoria. Para Vygotsky, a segurança só é encontrada no processo em pleno movimento.

A vontade é historicamente construída e inúmeras são as considerações a respeito da vontade, segundo Spinoza, a própria atividade interna do intelecto garante que a atividade do espírito siga o seu caminho, como se a vontade já estivesse constituída. Para Descartes é ao contrário pois, afirma que é necessário um constante esforço da vontade, uma constante tensão.

A diferença de concepção de “tensão da vontade” entre Descartes e Vygotsky diz respeito ao aspecto interno e externo do sujeito, para Descartes, a vontade se desenvolve individualmente e, segundo Vygotsky, ela se desenvolve na “relação” do sujeito com o outro. Há uma certa individualidade no desejo de cada um, mas o meu desejo só existe porque vivo em um mundo compartilhado com os desejos do outro.

Posto nesses termos, não é demasiado supor que, de acordo com a teoria de Vygotsky, o limite individual é a vontade do outro e está inscrito neste mundo simbólico que só se torna realidade, porque é também realidade para o outro. Logo, não hesitamos em afirmar que, no sistema de Vygotsky, só podemos falar em vontade, liberdade e autodomínio, se esses conceitos tiverem concordância em “relação com o outro” (2008, p. 31).

Vygotsky afirma que suas idéias de liberdade, vontade e autodomínio coincidem com as idéias que Spinoza desenvolveu em sua Ética. Spinoza estabelece que a vontade é um certo modo de pensar “cada volição não pode existir nem ser determinada a agir, se não for determinada por outra causa, esta por uma outra, e assim sucessivamente, ao infinito” (Ética I, p. 109). Sendo assim, para ele, a vontade não é livre, mas depende de motivos externos. Dessa forma, o livre arbítrio, a liberdade, são ilusões. Tudo, para Spinoza, é governado por uma necessidade lógica absoluta. A causa da existência singular do homem é a existência de outros homens singulares que o produzem. Portanto, a minha própria existência pressupõe a existência do outro. O domínio do homem sobre os próprios processos de seu comportamento constrói-se da mesma forma que se constrói o domínio do homem sobre os processos da natureza.

Linguagem

O homem, que vive em sociedade, está sempre sujeito às influências de outras pessoas e segundo Vygotsky, a linguagem é um dos mais poderosos meios de influência sobre a conduta do outro. O próprio homem, no processo de seu desenvolvimento, chega a dominar os mesmos meios que foram utilizados para orientar o seu comportamento. Controlar a vontade e ser livre, para Vygotsky, seria

compreender os meios que orientam e conduzem o seu próprio comportamento, isto é, compreender a linguagem.

É verdade que os recursos físicos e a linguagem objetivam a subjetividade humana, tornando-a acessível às novas gerações. No entanto, para o processo de individuação da consciência, o mais importante sistema de signos é, sem dúvida, a linguagem. Por meio do trabalho e simultaneamente, dos instrumentos simbólicos, os homens e cada um deles participam da vida cotidiana. A linguagem tem a qualidade de tornar presentes pessoas e/ou situações ausentes, transcendendo completamente o imediato.

A criança nasce inserida numa determinada organização social: nasce um igual. O recém-nascido traz consigo condições anatômicas, fisiológicas, legado da história de vida prática daqueles que o antecederam. Para ser um humano em particular, há que se apropriar da cultura dos homens, fazendo-a também sua. Nesse primeiro momento, linguagem e consciência são duas linhas de ação inteiramente independentes. De um lado, tem-se a linguagem pré-intelectual, movida por sensações; uma comunicação que se expressa, principalmente, pelo choro e através de movimentos, ainda desprovidos de sentido para quem os executa. De outro, observa-se uma consciência pré-lingüística que não inclui, não simboliza - como a denomina Vygotsky (2008), “uma inteligência prática”, logo, não há pensamento.

Mas com as trocas que se efetivam entre criança/objeto e, especialmente, entre crianças/pessoas, os signos e significados culturais vão sendo internalizados. Essa passagem do plano inter para o intrapsíquico só se faz mediante a regulação próxima e intensa daqueles com quem a criança convive.

Com isso a consciência vai deixando de ser guiada apenas por necessidade que, antes de serem individuais, são sociais, porque produzidas em conjunto, no movimento do trabalho, mediato e imediato. Quando isso acontece não há mais distinção entre linguagem e pensamento, estes passam a ser processos interdependentes, compondo uma única unidade.

Afinal o pensamento é um conjunto de imagens, signos e significados, gestados em sociedade, portanto no plano exógeno, e que, justamente pela partilha do indivíduo nesse plano, termina por se estabelecer no endógeno, como característica do sujeito. A linguagem encerra em si o saber, os valores, as normas de conduta, as experiências organizadas pelos antepassados, por isso participa diretamente do processo de formação do psiquismo desde o nascimento. Destaca-se a intercomunicação como um fator fundamental, não apenas na apreensão do conteúdo, mas igualmente, na constituição do afetivo, do emocional, da cognição.

Assim, Vygotsky, evidencia que a linguagem penetra e organiza, efetivamente, todos os campos do psiquismo, desempenhando um papel excepcionalmente importante na formação/transformação dos processos psicointelectivos. Tal destaque justifica-se, em princípio, por dois motivos: a) a linguagem expressa a subjetividade humana em seus diferentes aspectos, viabilizando a configuração do fenômeno em fato. Com esse efeito, permite tanto a regulação do subjetivo como a apropriação dessa riqueza pelas gerações que sucedem; b) a linguagem é matéria prima e elemento constituinte que alicerça e dá sustentação a todas funções interiores do comportamento; embora os dois motivos estejam separados, isto apenas acontece para uma explicação, pois os dois acontecem simultaneamente. Da linguagem dependem a existência e a identidade das referidas funções.

A linguagem é uma via de mão dupla, ou seja, ela tanto forma como comunica os inúmeros sentimentos e as habilidades objetivadas. Com a internalização do discurso, o sujeito passa a arbitrar

sobre sua atenção, permeada pelos recursos da linguagem. A percepção humanizada é fruto do conteúdo que lhe impõe critérios e, por vezes, novas leis. A imaginação é impossível sem a linguagem. Deduzimos então que a psique, em toda sua complexidade e mutabilidade, origina-se do plano social, graças à atividade produtiva. Individualiza-se pelas interações que têm na linguagem o veículo fundamental, novamente, pelos mesmos meios, socializa-se. É essa a dialética responsável pelo psiquismo humano.

A linguagem, conforme observamos, intervém na formação e no funcionamento de todos os processos psíquicos. Mas é em relação ao pensamento que suas implicações são fundamentais e decisivas. Ela está intimamente ligada ao pensamento. Não é nem anterior nem posterior a este, ambos se elaboram juntos no trabalho e por meio dele motivo pelo qual linguagem só reflete o que é produzido no contexto das relações sociais. A compreensão da realidade e, portanto, das necessidades sociais requer a mediação de um conteúdo, quer dizer, de uma linguagem que permita atingir a concretude dos fatos. Com a linguagem, o sujeito adquire um conjunto de riquezas produzidas pelos próprios homens, dentre elas a consciência, que pode ser um fato alienado ou constituir-se em um poderoso instrumento na leitura de mundo e de si mesmos.

Mediação

A gênese do conceito de mediação desenvolvido por Vygotsky é pautado na formação das Funções Psicológicas Superiores, entendidas no campo da significação. Vygotsky, ao formular as bases de um novo pensamento que fosse “uma síntese das concepções antagônicas em bases teóricas completamente novas”, como apresentam M. Cole e S. Scribner (Vygotsky, 2008, p.8), buscava avançar na psicologia, a partir de uma abordagem que pudesse descrever e explicar as funções psicológicas superiores (FPP), “combinação entre o instrumento e o signo na atividade psicológica” (Vygotsky, 2008, p.73). Para o autor tais funções (que envolvem especialmente consciência, intenção, planejamento, ações voluntárias e deliberadas e o pensamento), têm sua gênese nos contextos de aprendizagem compreendidos como processos mediados culturalmente. E, nessa perspectiva, podemos compreender que, dialeticamente, essas funções possibilitam “o domínio dos procedimentos e modos culturais da conduta” (Vygotsky, 2008, p.42). Leontiev (1991), no Tomo I de “Obras Escolhidas de Vygotsky”, ao tecer comentários sobre a relevância dos estudos do autor, nos concede uma síntese sobre a principal contribuição teórico-metodológica de Vygotsky, segundo ele:

“Fiel a seus pressupostos teóricos, Vygotsky não se ocupou em estudar fenômenos psíquicos entre si, senão de analisar a atividade prática. Como é sabido, o clássico do marxismo destacaram desta atividade, em primeiro lugar sua condição instrumental, o caráter mediado do processo laboral por meio de ferramentas. Vygotsky decidiu começar mediante uma analogia à análise dos processos psíquicos. Em sua mente surgiu uma hipótese: não seria possível existir um elemento de mediação nos processos psíquicos do homem em forma de instrumentos psíquicos?” (Leontiev, 1991, p.429) A ênfase desses autores na função social dos instrumentos e signos, nos processos de aprendizagem, resulta, assim, de um aporte teórico marxista, expresso nas palavras de Vygotsky ao explicitar como a ferramenta e o signo orientam o comportamento humano: “A função do instrumento é servir como um condutor da influência humana sobre o objeto da atividade; ele é orientado externamente; deve necessariamente levar a mudanças nos objetos” (Vygotsky, 2008, p.72). A atividade humana serve-se dos instrumentos para relacionar-se com a natureza.

O instrumento encontra-se voltado para uma orientação externa e o signo para uma orientação interna. A movimentação entre eles dá-se pelo processo de internalização - “reconstrução interna de uma operação externa”, que tem uma dinâmica essencialmente dialógica e, segundo Vygotsky, segue um percurso de transformações iniciado com a reconstrução interna de uma atividade externa. O processo interpessoal transforma-se em um processo intrapessoal, tendo como contexto às relações estabelecidas entre sujeitos historicamente constituídos, campo por excelência da mediação.

A partir dessa compreensão é possível a defesa do signo como meio para a formação das funções psicológicas superiores, ou, o desenvolvimento psíquico dá-se a partir de atividades mediadas culturalmente. É nesse sentido que Vygotsky defende que, pela significação (cultural), é o homem quem forma, no processo de vida social, as conexões no cérebro e, assim, governa o seu próprio corpo (individual). Isto significa considerar que a educação - como forma social de organização capaz de levar o indivíduo à apropriação do conhecimento historicamente acumulado somente atua como fonte de desenvolvimento do psiquismo quando o sujeito realiza atividades voltadas à apropriação das capacidades sociais também no plano reprodutivo. Desse modo, pode-se entender que a mediação dá-se no campo da significação. O conceito de significação surge nos estudos de Vygotsky (2008) a partir de sua compreensão de que os instrumentos psicológicos (ou estímulos meios) se constituem como signos. A significação compreende, assim, a criação e o emprego dos signos existentes na e pela atividade prática, configurando-se como uma generalização da realidade que se materializa pela linguagem (em todas as suas formas de manifestação). O fato de a significação guardar em si a experiência social da humanidade a conforma, em termos de produção histórica da consciência, como campo de possibilidade no qual a experiência social da humanidade se torna a experiência de um sujeito.

O conceito de mediação passa, necessariamente, pela compreensão do uso e função dos signos e instrumentos na formação das funções psicológicas superiores. É por essa razão que se afirma, em termos de desenvolvimento psíquico, que a significação torna possível ao sujeito ao apropriar-se da experiência social da humanidade (objetivada na língua, nos sistemas de numeração, nas obras de arte e em toda sorte de produção cultural), desenvolver-se.

A proposta da teoria socio-histórica, ao discutir a relação desenvolvimento-aprendizagem, aponta que a aprendizagem gera desenvolvimento, ou seja, o desenvolvimento é impulsionado pela aprendizagem. Neste sentido, aprender implica estar com o outro, que é mediador da cultura (Wertsch, Del Rio, & Alvarez, 1998), e esta interação promove novas construções, ou seja, o desenvolvimento é um processo que ocorre interpsicologicamente, gerando construções intrapsicológicas. Foi partindo destas discussões que Vygotsky introduziu o conceito de zona de desenvolvimento potencial ou proximal (ZDP). Apesar das críticas e limitações que podem ser feitas às noções iniciais dessa compreensão nos seus primeiros escritos de 1928, especificamente no livro *Psicologia Pedagógica* (Vygotsky, 1928/2004), apresenta-se como uma perspectiva inovadora, constituindo-se como agregadora de vários elementos da teoria histórico-cultural ao ancorar-se numa proposta de desenvolvimento mediado, prospectivo, baseado em mudanças não apenas quantitativas, mas qualitativas.

O conceito de ZDP, é apresentado como a diferença entre os níveis de desenvolvimento real e potencial, sendo este ainda o entendimento de muitos teóricos atuais. Ao longo dos últimos anos e, a partir de leituras dos textos finais do autor, especialmente do texto “Pensamento e linguagem” (Vygotsky, 1934/1993), essa visão foi encontrando di-

ferentes compreensões por parte de seguidores de sua teoria, tais como Wertsch (1988), Baquero (1998), Meira e Lerman (2001), Góes (2000), Góes e Smolka (1997), Colaço (2001) e outros. Estes autores passam, então, a tratar da ZDP como um espaço simbólico de construção que ocorre numa relação dialógica, envolvendo aprendizagens as mais diversas, até mesmo sobre padrões de conduta e processos comunicativos. É nesse processo de interação social que se constitui a subjetividade, no qual o sujeito, através de mediações intersubjetivas, se apropria da cultura de forma qualitativamente diferenciada dos outros animais, transformando o mundo e a si, numa criativa, singular e compartilhada construção.

Implicações na Construção do Conhecimento

Diante do processo de construção do conhecimento do sujeito e das relações entre linguagem e mediação podemos levantar algumas implicações que podem contribuir para que possamos pensar em como o processo de aprendizagem do sujeito pode fazer com que o mesmo tenha liberdade, vontade e autonomia. Para Vygotsky o que determina o atuar conscientemente, deixando de ser mero efeito para ser causa consciente de si mesmo é a ação e o envolvimento do sujeito, o meu “ser” humano é constituído pela convivência com o outro.

Para Vygotsky, o homem nunca estará sozinho, nem mesmo na solidão. Quando o homem avaliar, pelo entendimento, as circunstâncias existentes, segundo Vygotsky, estará avaliando a si mesmo, porque as circunstâncias existentes são produto da atividade humana. Avaliando os produtos da atividade humana, através da linguagem, é possível penetrar no mundo interior do homem. Frente a essas conclusões, é possível inferir que, para Vygotsky, a vontade é construída culturalmente, assim como a liberdade também o é. A linguagem não só faz a mediação dessa construção, mas também atua como função psicológica superior. A natureza, nem objetivamente, nem a natureza subjetivamente é presente ao ser humano de imediato. O homem é uma espécie cuja evolução ultrapassou a evolução biológica. Ultrapassou-a para uma ordem que não é da natureza, mas da cultura uma ruptura entre a teoria e a prática, onde a atividade, não só determina a essência do homem, mas também, sendo a substância da cultura, cria o homem.

BIBLIOGRAFIA

- Azevedo, C.: A mediação da linguagem na construção da subjetividade: in Souza Neto e Andrade (org) Análise Institucional. São Paulo: Expressão & Arte, 2007.
- Baquero, R.: Vygotsky e a aprendizagem escolar. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.
- Castorina, J.A.: Piaget e Vygotsky: novos argumentos para uma controvérsia. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, n. 105, p. 160-183, nov. 1998.
- Daniels, H. (Org.): Uma introdução a Vygotsky. São Paulo: Loyola, 2002.
- Emerson, C.: O mundo exterior e o discurso interior, Bakhtin, Vygotsky e a internalização da língua. In: Daniels, H. (Org.) Uma introdução a Vygotsky. São Paulo: Loyola, 2002.
- Leontiev, A.: Artículo de introducción sobre o labor creadora de L.S. Vygotski In: Vygotski, L.S. Obras Escogidas. Tomo I. Madrid: Aprendizaje/Visor. (1991).
- Marx, K.: O Capital. Crítica da economia política. Livro 1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. (2006).
- Engels, F.: A ideologia alemã. São Paulo: Hucitec, 1987.
- Spinoza, B.: Os pensadores. 5. ed. São Paulo: Nova cultural, 1991.
- Vygotsky, L.S.: Obras escogidas III. Madrid: Visor Distribuciones, 1995

- Vygotsky, L.: A formação social da mente. 8. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- Vygotsky, L.: Pensamento e linguagem. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- Vygotsky, L.: Psicologia Pedagógica 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- Vygotsky, L.: A construção do pensamento e da linguagem. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- Wertsch, J.V.: Estudos socioculturais da mente. Porto Alegre: Artes Médicas, (1998).
- Daniels, H. (Org.) Uma introdução a Vygotsky. São Paulo: Loyola, 2002.